Sexta carta — História do Ângelus

> **Sumário.** Século XIV. — Concílio de Sens. — Uma palavra sobre o toque de recolher. — Estatutos de Simão, bispo de Nantes. — Concílio de Lavaur. — Concílio de Béziers. — Importância atribuída ao Ângelus.

11 de junho.

Caro Frederico

Detenho-te um instante para fazer-te admirar, comigo, a oportunidade da bula relativa ao Ângelus. O Vigário de Jesus Cristo havia falado. Com um conjunto novo, Maria ia ser invocada de uma ponta à outra do mundo cristão. Por que esse concerto unânime e ininterrupto de súplicas? Vais compreendê-lo.

Em breve rudes e duríssimos combates serão travados contra a Igreja. Numerosas heresias, o grande cisma do Ocidente, mais tarde o renascimento do paganismo com suas desastrosas consequências; enfim, as ameaçadoras vitórias do poder otomano: todas essas causas reunidas lançarão as nações cristãs nos maiores perigos.

Em previsão desse temível futuro, a Providência, que nunca tateia, inspira à sentinela de Israel que chame, com mais força, a Rainha do céu em socorro dos habitantes da terra, seus servos e seus filhos. Intérprete da Providência, a palavra do Santo Padre é compreendida. Acolhido com respeito, o seu pensamento torna-se o pensamento de todos os bispos e particularmente dos bispos da França. Reúnem-se numerosos concílios provinciais, que prescrevem a recitação do Ângelus. Eis alguns deles.

O Concílio de Paris, realizado em 1346, sob a presidência de Guilherme, arcebispo de Sens, publica o decreto seguinte:

> *Pela autoridade do mesmo Concílio, ordenamos que se observe inviolavelmente a prescrição emanada do papa João XXII, de santa memória, isto é, de rezar três vezes a Ave-Maria à hora do toque de recolher, e para a qual são concedidas*

> *certas indulgências, etc.*[1]

Digam o que disserem os revolucionários que, há oitenta anos, despojam, injuriam, perseguem e massacram os sacerdotes, a França nunca teve amigo mais inteligente nem mais devotado do que o seu clero. O sínodo de Sens, cujas palavras acabo de citar-te, oferece disso uma prova que convém não omitir. Depois de prescrever a recitação do Ângelus, o venerável concílio concede cinquenta dias de indulgência a todos os que, à tarde, rezarem um Pai-Nosso e uma Ave-Maria pela Igreja, pelo rei, pela família real e pela prosperidade do reino.[2]

O concílio fala do toque de recolher. Sabes, meu caro amigo, o que é o toque de recolher? Gosto de dizer-to, porque ele recorda o perfeito bom senso de nossos antepassados. Em sua cristã simplicidade, isto é, em sua profunda sabedoria, a Idade Média acreditava que a noite era feita para o repouso e o dia para o trabalho. Por volta das dez horas da noite, tocava-se, pois, o sino da cidade, para anunciar aos habitantes que chegara o momento de recolher-se às suas casas.

Dado o toque de recolher, estendiam-se correntes à entrada das ruas; alguns bairros até se fechavam com portas. Toda circulação era suspensa. Os homens da guarda chegavam ao seu posto e velavam pela segurança pública. O silêncio reinava por toda parte, e ricos e pobres, patrões e criados velavam em família ou dormiam em paz. As correntes só se abriam para deixar passar o sacerdote e o médico.

Deitada cedo, a população levantava-se cedo. Em Paris mesmo, os ofícios começavam a trabalhar, ao som do Ângelus, por volta das cinco horas. No mesmo momento, a praça Maubert[3] enchia-se de estudantes, descidos do monte Santa Genoveva: era a hora em que os regentes da Universidade abriam os seus cursos. Uma prova do que digo: talvez tenhas lido na Vida de Mons. de la Motte, bispo de Amiens no século passado, que, sendo ainda muito menino, o criado vinha buscá-lo na cama, às cinco da manhã, e o levava à escola, meio adormecido.

Nessa ordem de coisas tão racional, tão moral, tão favorável à saúde e à vida de família, a necessidade do gás, com o qual a civilização moderna procura fazer da noite dia, nem sequer era suspeitada. Eram impossíveis as reuniões noturnas, bailes, teatros, botequins e cafés-concerto, círculos e saraus, cuja influência desastrosa sobre a saúde física e moral já não é mistério para ninguém. Podes acrescentar que tal resultado é forçado; pois o homem não inverte impunemente as leis providenciais. Com razão se disse: Ai das cidades que velam!

Voltemos ao Ângelus. A religiosa Bretanha apressa-se em imitar Paris. No cânon 68 do Concílio de Tréguier, lê-se:

> *O senhor bispo ordena a todos os párocos, em virtude da obediência, que façam, de agora em diante, tocar três toques de sino em suas igrejas antes do toque de recolher, e que deixem entre os dois toques o intervalo de uma Ave-Maria. Dez dias de indulgência a todos os que a disserem.*[4]

Nantes imita Tréguier. Os estatutos de Simão, bispo dessa cidade, ordenam aos párocos que façam tocar em suas igrejas na hora habitual do toque de recolher, e que prescrevam aos paroquianos que, ao ouvirem o som do sino, rezem de joelhos o Ângelus, avisando-os de que, nessa condição, ganharão uma indulgência de dez dias.[5]

De Nantes passemos a Lavaur. O concílio realizado nessa cidade, em 1368, exprime-se assim:

> *Ordena-se, sob pena de excomunhão, aos reitores e párocos das paróquias que façam tocar um sino, por volta do nascer do sol, como se costuma fazer à noite. Os que então rezarem, de joelhos, cinco vezes o Pai-Nosso em honra das cinco chagas de Nosso Senhor Jesus Cristo, e sete Ave-Marias, ganharão trinta dias de indulgência.*[6]

Essas orações, que se afastavam das prescrições da bula apostólica, reduziram-se logo à forma ordinária do Ângelus, quero dizer, à recitação de três Ave-Marias.[7]

No ano seguinte, 1369, o Concílio de Béziers ordena que, de agora em diante, ao romper do dia, o sino grande tocará três vezes, e quem quer que o ouça, de qualquer condição que seja, deverá rezar três Pai-Nossos e três Ave-Marias, e ganhará vinte dias de indulgência.[8]

Pelo teor das cartas pontifícias, pelas ordens severas e várias vezes reiteradas dos concílios em diferentes pontos da França, pelas indulgências concedidas, vês, meu caro amigo, que importância nossos antepassados atribuíam à recitação do Ângelus. E o século XIX o deixa cair em desuso. Dos pais ou dos filhos, quem erra e quem acerta?

Chegamos ao fim do século XIV, e a história do Ângelus não terminou. A origem e a causa dos toques da manhã e da tarde são-nos conhecidas: resta o toque do meio-dia. Quando, por quem e por que foi estabelecido? Eu te direi na próxima carta.[9]

Todo teu.

Notas

[1] *Item auctoritate dicti concilii præcipimus, quod observetur inviolabiliter ordinatio facta per sanctæ memoriæ Joannem papam XXII de dicendo ter Ave Maria, tempore, seu hora ignitegii: in qua ordinatione conceditur certa indulgentia, etc.* (Cap. XII.)

[2] *Addit synodus triginta dies auctoritate sua, et suffraganeorum viginti dies pro iis qui tunc Pater Noster et Ave Maria persolverint pro Ecclesia, rege ac regia familia, regnique statu.* (Mabillon, *Præf. act. SS. secul. v. Benedict.* n. 122.)

[3] Ocupa o lugar do local onde o B. Alberto Magno dava as suas lições. Daí, por corruptela, praça Maubert, de Mestre Alberto (*Maître-Albert*).

[4] *Præcipit dominus episcopus omnibus curatis diœcesis tregorensis, quod de cætero pulsetur campana ter in suis ecclesiis ante ignitegium; et quod sit inter duas pulsationes spatium unius Ave Maria, et dat omnibus sic dicentibus decem dies indulgentiæ.* (Apud Bened. XIV, *de Festis Annunciat.*, V. 450, ed. in-4.º)

[5] *Præcipimus ut ipsi faciant hora consueta pulsari campanas in ecclesiis suis ad ignitegium, et ut præcipiant parochianis ad pulsationem hujusmodi dicere, flexis genibus, verbum Salutationis ab angelo gloriosæ Virginis Mariæ, Ave Maria: et ex hoc lucrentur decem dies indulgentiæ.* (Apud Martenne, *Anecdot.*, t. IV, col. 962.)

[6] *Rectoribus et curatis parochiarum sub pœna excommunicationis præcipitur, ut circa solis ortum pulsari faciant unam campanam eo modo, quo ad noctem pulsari solebat: et tunc iis qui in honorem quinque vulnerum Christi Domini quinquies Orationem Dominicam, atque septies angelicam Salutationem genibus flexis dixerint, triginta dies de injunctis pœnitentiis relaxantur.* (C. 127, apud Mabillon, *ubi suprà*.)

[7] *Postea vero hic numerus ad tres Salutationes redactus est.* (*Ibid.*)

[8] *Item simili modo ordinatur quod de cætero in aurora diei pulsetur tribus ictibus cum batallo majoris campanæ et quilibet audiens, cujusque status fuerit, dicat ter Pater, Ave, et cuilibet dicenti de Omnipotentis auctoritate et nobis attributa, damus et concedimus viginti dies indulgentiarum, in remissionem suorum peccaminum.* (Apud Martenne, *Anecdot.*, t. IV, coll. 660. Ver também Ducange, *Glossar.* v.º *Angelus*.)

[9] N. do T.: O original diz «na minha primeira carta», o que é evidentemente um lapso de impressão; a questão do toque do meio-dia é tratada logo na carta seguinte.

Revision #1
Created 28 November 2026 13:47:00 by Admin
Updated 28 November 2026 13:47:00 by Admin